APRESENTAÇÃO

Há um ano e meio *on-line*, a **Boitatá** coloca-se como um importante suporte para o projeto *Cartografias de poéticas orais no Brasil*, em fase de desenvolvimento pelo GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL. Ao se apresentar como um projeto multiinstitucional e multidisciplinar, *Cartografias...* tem por objetivo principal a criação de uma rede, sempre dinâmica e pulsante, de pesquisadores sobre a cultura oral e suas expressões poéticas. Visto de outro prisma, o projeto *Cartografias...* não se encerra num catálogo de pesquisas sobre a chamada literatura oral, ele promove o constante diálogo e debate entre os pesquisadores, por meio de eventos e da criação de espaços para a disseminação de conhecimentos sobre cultura popular, oralidade, “literatura” e poesia oral. Nesse sentido, é que a **Boitatá** coloca-se como um importante meio para a realização do projeto *Cartografias...*

Os nove artigos que compõem esse número trazem diferentes abordagens sobre mitos paranaenses, pantaneiros e amazônicos, além de reflexões sobre a poesia oral em Chico Buarque, a escrita e a oralidade africana e a literatura no ensino de Literatura.

O número 3 da **Boitatá** se inicia com um artigo a quatro mãos de Vanderci Aguilera e Ariane dos Santos sobre o caipora paranaense. Resultado de uma pesquisa em Geolingüística, realizado pelo projeto *Atlas Lingüístico do Paraná*, o trabalho apresentado pelas pesquisadoras visa a traçar um panorama das ocorrências deste mito no Paraná, bem como perceber as diferentes variações de seu nome nas diferentes regiões visitadas no Estado.

O segundo artigo, de Marcelo Rodrigues Jardim, é um estudo sobre as narrativas pantaneiras do mãozão, coletadas pelo projeto *História e memória: contribuições para um estudo da cultura no Pantanal sul-mato-grossense*, desenvolvido junto à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e Universidade Estadual de Londrina. Nele, Jardim faz um estudo sobre os preceitos morais difundidos pelas narrativas orais sobre o mito do mãozão pantaneiro e demonstra como é intrínseca a relação entre poesia oral e vida social.

Na seqüência, Cláudia Knapp nos introduz no mundo mitológico africano por meio de uma reflexão a respeito dos contos coletados por Lourenço do Rosário. Além de

promover uma interessante reflexão a respeito do processo de coleta, a autora estabelece uma ponte imaginária entre Angola-Brasil, ao fazer uma comparação com contos orais coletados, principalmente, por Sílvio Romero.

O artigo também escrito a quatro mãos de Claudeir de Souza e Adalberto de Oliveira Souza apresenta uma reflexão sobre a relação entre música e letra a partir da canção de Chico Buarque de Hollanda. Neste artigo, os autores empregam o método semiótico desenvolvido por Luiz Tatit para demonstrar como a música é um importante elemento de significação do texto. Além disso, um outro aspecto que salta aos olhos neste trabalho é a forma como a poética buarqueana apresenta um diálogo com o *flâneur* baudelairiano e, ao mesmo tempo, permite um mergulho na cultura popular brasileira, por meio da figura do malandro.

Derivado de fontes produzidas por um outro importante projeto sobre as poéticas orais brasileiras, *Imaginário nas formas narrativas orais da Amazônia paraense* (IFNOPAP), desenvolvido junto à Universidade Federal do Pará, Josebel Fares propõe um estudo sobre as recorrências do mito da matinta perera no imaginário amazônico. Ao longo de suas reflexões, Fares aponta com minúcias o processo metodológico de coleta de fontes orais e, num segundo momento, discute as variantes e as invariantes detectadas num conjunto amplo de narrativas orais da Amazônia paraense.

A questão da oralidade e do ensino de literatura/formação do leitor faz-se presente por meio do artigo de Marilúcia da Paz, no qual a autora desenvolveu uma pesquisa, em nível de especialização, no ensino fundamental sobre ouvir histórias. Neste artigo, a autora se debruça sobre o papel da contação de histórias na formação do leitor e no seu efeito de humanização do sujeito.

Os três últimos artigos a seguir perpassam a questão da letra e da voz. Anderson Gongora propõe um estudo a respeito da voz na obra de Sérgio Sant'Anna, tomando como objeto os contos "A voz" e "O gorila", do livro *O vôo da madrugada*. Gongora traz uma importante contribuição para a compreensão da voz em contextos diferenciados (escrita e oral) e conduz o leitor para o mundo da subjetividade e da metafísica que ela alcança no texto literário.

Esta questão também é debatida no artigo escrito por J.J. Araújo e Jordanes do Nascimento Araújo. Nele, os autores se debruçam sobre a poesia de Francis Ponges e Luiz

Bacellar, demonstrando como se dá o processo de investigação que propicia o fazer poético no mundo moderno.

Finalizando a seção de artigos, Carina Bertozzi analisa como se dá a ocorrência da tradição oral no município de Londrina (PR), a partir das diversas narrativas recontadas e escritas pela “Coleção Lua Cheia” do *Jornal de Londrina*. Trata-se de um trabalho sobre os mecanismos de circulação e de armazenamento das poéticas orais, por meio do qual a autora demonstra que nem sempre o narrador está presente na história jornalística, mas mesmo assim, ela se torna importante para que a história oral circule no imaginário local.

Este número, ao contrário dos anteriores, traz uma tímida seção de resenhas, em que o pesquisador da oralidade e historiador, Eudes Fernando Leite, escreve sobre o livro *Augusto e Lea: uma caso de (des)amor em tempos modernos* (Contexto, 2006), de José Carlos Sebe Bom Meihy, importante nome da História Oral.

Esperamos que o leitor possa encontrar nesse número uma amostra da produção poética oral em seus mais diversos locais, o que demonstra que a voz, por não ter fronteiras, conecta-nos aos diferentes mundos culturais.

Frederico Fernandes
Editor da **Boitatá**